

Thomas Sebeok e os Signos da Vida

SUSAN PETRILLI
&
AUGUSTO PONZIO

série
DIALOGAÇÕES



Thomas Sebeok e os Signos da Vida

SÉRIE DIALOGAÇÕES

Dirigida por Maria Isabel de Moura

TRADUÇÃO

Pedro Guilherme Orzari Bombonato

SUSAN PETRILLI & AUGUSTO PONZIO

Thomas Sebeok e os Signos da Vida



Copyright © Susan Petrilli & Augusto Ponzio

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida ou arquivada, levados em conta os direitos.

Susan Petrilli & Augusto Ponzio

Thomas Sebeok e os signos da vida. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. 72p.

ISBN 978-85-7993-056-0

1. Thomas Sebeok. 2. Signos. 3. Bakhtin. 4. Autor. I. Título.

CDD – 410

Traduzido de “Thomas Sebeok and the Signs of Life”.

Capa: Marcos Antonio Bessa-Oliveira

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito & Valdemir Miotello

Conselho Científico:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Roberto Leiser Baronas (UFSCar/Brasil); Nair F. Gurgel do Amaral (UNIR/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Dominique Maingueneau (Universidade de Paris XII); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil).



Pedro & João Editores

Rua Tadão Kamikado, 296

Parque Belvedere

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2011

A vida dos signos e os signos da vida

Embora não seja fácil imaginar isso neste momento, o último século pode se tornar conhecido no futuro como o período em que os signos foram redescobertos. As mortes de Charles S. Peirce e Ferdinand de Saussure em 1914 e 1913, respectivamente, deixaram ao mundo do século XX um legado de ferramentas intelectuais que possibilitam um balanço de um fato fundamental da existência: o signo. Especialmente na segunda parte do século, ficou claro que a informação superou o valor de todas as outras matérias-primas e *commodities*. Tecnologias tais como o telefone, a televisão, computadores e a internet transformaram eletronicamente a diversidade da produção do signo humano no ambiente doméstico. De fato, as décadas finais do último século poderiam ser chamadas de “época dos signos”.

Concomitantemente, a vida intelectual reagiu de maneira sincronizada. A partir dos anos 60, a “semiótica”, o estudo do signo, começou a transformar as ciências humanas e, mais tarde, as ciências naturais. Na Europa, especialmente com o trabalho de Saussure, o estudo do signo focou-se no uso humano da significação, dando atenção à lógica da “comunicação” e expondo os “códigos”, deixando de lado a diversidade do fenômeno cultural. O revigorado estudo dos sistemas sígnicos estabeleceu

disciplinas e deu à luz outras, como comunicações, mídia e estudos culturais.

No imaginário popular, a semiótica aparecia como o método pelo qual se estudava televisão, descobria-se os artifícios da fotografia, revelava-se a construção de filmes e analisavam-se outras numerosas características da cultura popular. Contudo, na verdade, a semiótica como uma disciplina internacional não era devotada apenas a tais objetivos provincianos. Analisando a proposta semiótica como um todo, encontra-se uma concepção mais ousada do universo dos signos, uma concepção que vai além da utilização do signo humano e que, ultimamente, seria capaz de revelar aos humanos, fatos profundos sobre nossa coexistência com outros organismos e outros mundos.

Muito desse trabalho vem sendo construído há algumas décadas, mas encontrou sua materialização, especialmente, nos anos 90 e no novo século. Acima de tudo, a iniciativa que descrevemos está associada ao nome de Thomas A. Sebeok¹.

¹ Thomas A. Sebeok nasceu em Budapeste, em 9 de novembro de 1920. Migrou para os Estados Unidos da América em 1937 e conseguiu sua cidadania em 1944, ano em que passou a ser membro do corpo docente da Universidade da Indiana. Foi editor geral do *Semiotica*, jornal da Associação Internacional de Estudos Semióticos, fundado em Paris, em 1969. Sebeok está entre as figuras que mais contribuíram internacionalmente para a institucionalização da semiótica, e para sua configuração como “semiótica global”. [Nota do Tradutor: Sebeok faleceu em 21 de dezembro de 2001, na cidade de Bloomington, Indiana.]

Sebeok foi um dos intelectuais que mais contribuíram para o estabelecimento da semiótica como um campo e como uma perspectiva interdisciplinar. Sua pesquisa foi largamente inspirada por Charles S. Peirce (1839-1914), apesar de seus *maîtres à penser* também incluírem figuras como Charles Morris (1901-79) e Roman Jakobson (1896-1982), a cujos trabalhos, em certos aspectos, ele deu continuidade.

Os interesses de Sebeok abrangem uma vasta gama de territórios, desde as ciências naturais até as ciências humanas. Consequentemente, ele lida com questões teóricas e suas aplicações, de tantos ângulos quanto disciplinas que ele atravessa: linguística, antropologia cultural, psicologia, inteligência artificial, zoologia, etologia, biologia, medicina, robótica, matemática, filosofia, literatura, narratologia e assim por diante. Embora a impressão inicial possa ser de que o trabalho de Sebeok caminhe um tanto irregularmente, por experimentar perspectivas variadas e engendrar diferentes empreendimentos de pesquisa, na realidade, seus expansivos e, aparentemente, discrepantes interesses encontram um foco em sua “doutrina dos signos”. De fato, a convicção fundamental subjacente a seu método geral de investigação é que o universo é perfundido com signos e, como Peirce arrisca, pode ser composto exclusivamente por signos.

A semiótica é, então, o lugar onde as “ciências da vida” e as “ciências do signo” convergem. Isso significa que *signos* e *vida* convergem. Portanto, isso

implica que o ser humano é um signo em um universo de signos.

Sebeok expande as fronteiras do estudo tradicional do signo, promovendo uma “semiótica” muito mais compreensiva que a “semiologia”. O limite da “semiologia”, ciência do signo projetada por Saussure, consiste no fato de não compreender uma parte (ou seja, signos humanos, e em particular, signos verbais) pelo todo (ou seja, todos os signos possíveis, humanos e não humanos). Na base de tal mistificação, a semiologia, indevidamente, exige ser a ciência geral dos signos. Quando a ciência geral dos signos escolhe o termo “semiótica” para si mesma, o objetivo é sublinhar a distância entre a semiologia e seus próprios erros. Sebeok denomina a tradição semiológica no estudo dos signos de “tradição menor”, e a tradição que ele promove, por outro lado, de “tradição maior”, representada por John Locke e Peirce, assim como estudos sobre signos e sintomas por Hipócrates (460 a.C. - 370 a.C.) e Galeno (129 d.C. - 200 d.C.). A Semiótica, portanto, é ao mesmo tempo recente – se considerada a partir do ponto de vista da determinação de seu status e da tomada de consciência de seu vasto alcance de possíveis aplicações; e é também antiga – se suas raízes forem relacionadas, de acordo com Sebeok,² à teoria e prática da medicina antiga.

Através de suas numerosas publicações, Sebeok propôs uma visão abrangente da semiótica, que

² Ver *The Sign & Its Masters*, Austin: University of Texas Press, 1979; segunda edição, com um novo prólogo do autor e prefácio de J. Deely, Lanham: University Press of America, 1989.

coincide com o estudo da evolução da vida. Depois de seu trabalho, ambas as concepções, a de campo semiótico e a de história da semiótica, foram insuperavelmente modificadas. Graças a ele, a semiótica do início do milênio alargou horizontes; que se tornaram até mais largos que aqueles previstos pelos estudos do signo da primeira metade dos anos 60.

No que pode ser definida, então, como uma abordagem “global” ou “holística” dos estudos dos signos, Sebeok estendeu seu olhar sobre o universo inteiro, na medida em que informações, mensagens e processos significativos se proliferam; um universo que é caracterizado, antecipado, e como ele não se cansava de repetir, como um fato de significação, muito antes de se tornar um fato de *comunicação*.³ Comunicação sugere compreensão – mesmo se limitada – entre um locutor e um destinatário; já significação pode se realizar sem tal compreensão e sem a intenção de se transmitir uma mensagem. É como Sebeok, ludicamente, expõe durante o seminário “Semiótica e Comunicação”, proferido em 1987:

O mundo é inteiramente composto por signos e,
por isso, penso no mundo todo como minha ostra;
para algumas pessoas, no entanto, só há o mundo

³ Sobre uma de suas mais recentes afirmações a respeito desse aspecto, ver Sebeok, “Global Semiotics”, palestra proferida em 18 de junho de 1994, como Presidente Honorário do V Congresso da Associação Internacional de Estudos Semióticos, que aconteceu na Universidade da Califórnia, Berkeley. Publicada em Sebeok, *Global Semiotics*, Bloomington: Indiana University Press, 2001.

humano, então, a ostra delas é formada por apenas uma porção do mundo.⁴

Então, na visão de Sebeok, vida e semiose coincidem.

Essa afirmação leva a uma intrigante hipótese: uma vez que o comportamento da semiose ou do signo envolve todo o universo vivente, uma completa compreensão da dinâmica da semiose pode, em última análise, conduzir-nos à definição da própria vida. A semiose teve origem com os primeiros estalos de vida no planeta. Isso levou Sebeok a formular um axioma que ele acreditava ser primordial para a semiótica: “Semiose é o atributo característico da vida”⁵ – ou seja, “a marca característica de toda a vida é a semiose” (onde “semiose” significa a atividade dos signos). Seu segundo axioma, “semiose pressupõe vida”, complementa o primeiro.⁶ Não é surpreendente dizer, então, que todas as ciências da vida encontram um lugar no horizonte intelectual de Sebeok, considerando-se a importância delas para uma

⁴ Sebeok, “Semiotic and Communication: A Dialogue with Thomas A. Sebeok” (1987), in: J.Y. Switzer et al. (orgs.), *The Southern Communication Journal* 55, 1990, p. 391. [Nota do Tradutor: citação original: “The world is composed entirely of signs, and therefore, I think of the whole world as my oyster; whereas for some people only the human world, and then only a small portion of that, is their oyster”.]

⁵ Sebeok, *American Signatures: Semiotic Inquiry and Method*, introdução e organização de I. Smith, Norman: University of Oklahoma Press, 1991, p. 124.

⁶ Sebeok, “Global Semiotics”, op. cit.

compreensão plena dos signos e seus funcionamentos na “biosfera” terrestre.⁷ Assim, a “semiótica global” proporciona um ponto de encontro e um posto de observação para estudos sobre a vida dos signos e os signos da vida.⁸

Seguindo a linha da “tradição maior” da semiótica, a abordagem global de Sebeok com relação à vida do signo pressupõe sua crítica à teoria e prática de uma semiótica antropocêntrica e glotocêntrica. Explorando as fronteiras e margens da ciência ou “doutrina” dos signos,⁹ Sebeok abre o campo para incluir a *zoosemiótica* (um termo introduzido por ele em 1963), ou, de maneira ainda mais abrangente, a *biossemiótica* de um lado e a *endossemiótica* de outro. Na concepção de Sebeok, a ciência do signo não é apenas o estudo da comunicação na cultura, e nem se preocupa somente com a vida social dos signos, como proposto por Saussure, mas também abrange o estudo

⁷ Ver Vladimir I. Vernadsky, *Biosfera*, Leningrado: Knizhnaia, 1926.

⁸ Para ter uma noção da iniciativa da semiótica global, ver *Semiotk/Semiotics: A Handbook on the Sign-Theoretic Foundations of Nature and Culture*, organizado por R. Posner, K. Robering, T. A. Sebeok (três volumes), Berlim e Nova York: Walter de Gruyter, 1997, 1998; volume III ainda não publicado.

⁹ Ver Sebeok, “Global Semiotics”, op. cit. Curiosamente, em “Global Semiotics”, um artigo publicado quase 20 anos após seu livro de 1976, *Contributions to the Doctrine of Signs* (Lisse: Peter de Ridder Press, 1976; segunda edição, Lanham: University Press of America, 1985), ele não dá mais importância ao debate que questiona se semiótica é uma “ciência”, uma “teoria” ou uma “doutrina”.

do comportamento comunicativo na perspectiva biossemiótica. Consequentemente, a semiótica global de Sebeok se caracteriza pela máxima abrangência de competências.

A semiótica não se resume à antroposemiótica

Antes de contemplar os signos de uma comunicação não intencional (semiologia da significação), a semiótica se limitava demais por uma concentração exclusiva nos signos da comunicação intencional (semiologia da comunicação). Essas eram as principais tendências em semiologia de acordo com Saussure. Na concepção de Sebeok, a ciência do signo não estuda apenas a comunicação na cultura, mas também o comportamento comunicativo de ordem biossemiótica – o que significa dizer que a biossemiótica é o conceito mais amplo de toda a semiótica. Ele escreve: “As fundamentações biológicas estão no epicentro do estudo da comunicação e da significação do animal humano”.¹⁰

O estudo do signo permanecerá para sempre incompleto se insistir na linguística ou nos signos usados pelos humanos como seu modelo fundamental. Ao contrário, ele deve voltar seus olhos à raiz dos processos biológicos que estão no cerne de toda atividade sígnica. Libertar-se da perspectiva antropocêntrica (ou cultural), daquela semiótica

¹⁰ Sebeok, *Contributions to the Doctrine of Signs*, *ibid.*, p. x. [Nota do Tradutor: citação original: “Biological foundations lie at the very epicenter of the study of both communication and signification in the human animal”.]

caracterizada entre os anos 60 e 80, implica em levar em conta outros sistemas sgnicos além daqueles exclusivos  humanidade. Considerar que os sistemas de signos de outros seres vivos não são estranhos ao mundo humano significa que há um ponto de encontro entre comunicação humana e o comportamento comunicativo de comunidades não humanas. Tais sistemas de signos também envolvem comunicação humana com o meio ambiente, assim como a esfera da endossemiótica (o estudo dos sistemas cibernéticos de dentro do corpo). Por sua vez, o estudo de tais sistemas internos do corpo pode se situar no patamar do desenvolvimento individual (ontogenética) e no nível de uma espécie (desenvolvimento filogenético).

No entanto, deve-se notar que o trabalho de Sebeok é bem sucedido em evitar qualquer forma de biologismo, como ocorre quando a cultura humana é reduzida a sistemas de comunicação que podem ser traçados em outras espécies. Reciprocamente, ele evita a redução antropomórfica da comunicação animal não humana a traços característicos e modelos exclusivos  humanidade. Conseqüentemente, sua doutrina dos signos insiste particularmente na autonomia dos sistemas de signos não verbais. Apesar da predominância da linguagem verbal na esfera da antropossemeiose, seu trabalho  sempre agudamente atento aos sistemas sgnicos humanos que dependem do verbal apenas em parte.

Em resumo, a semiótica depois de Sebeok  não só *antropossemiótica*, mas também *zoossemiótica*, *fitossemitica*, *micossemitica*, *microssemitica*,

endossemiótica, semiótica de máquinas e semiótica ambiental, todos sob o guarda-chuva da *biossemiótica* ou, cada vez mais, agora e no futuro, simplesmente *semiótica*.

Um livro de transição

Nas primeiras linhas de *The Sign & Its Masters*,¹¹ Sebeok descreve seu livro de 1979 como “transicional”, uma observação que pode ser estendida, na verdade, ao conjunto de sua pesquisa, se considerada à luz dos desenvolvimentos recentes dos debates filosófico-linguístico e semiótico. Entretanto, nossa alusão se refere à transição da “semiótica de código”, que é centrada na linguística (e, portanto, nos signos verbais), para a “semiótica de interpretação”, que, ao contrário da primeira, também conta com a autonomia e a arbitrariedade dos signos não verbais, tanto os “culturais” (dança, semáforo), quanto os “naturais” (tais como os signos entre animais e plantas).

Em seu levantamento dos problemas relevantes à semiótica e dos mestres dos signos, Sebeok discute os vários aspectos que caracterizam as abordagens “cultural” e “natural” da semiótica, que podem ser resumidas simplesmente com dois nomes já citados – Ferdinand de Saussure e Charles S. Peirce. O estudo dos signos está “em transição” da “semiótica de código” para a “semiótica de interpretação”, como representado por essas duas emblemáticas figuras e,

¹¹ Sebeok, *The Sign & Its Masters*, op. cit. Ver os capítulos programáticos: 1, “Semiosis in Nature and Culture”, pp. 3-26; e 4, “Ecumenicalism in Semiotics”, pp. 61-84.

de fato, está agora decididamente deslocado na direção da segunda.

Um livro anterior, *Contributions to the Doctrine of Signs*, de 1976, tem um forte viés teórico; e nele Sebeok já havia expressado sua preferência pela semiótica da interpretação. *The Play of Musement*, uma coleção de artigos publicada em 1981,¹² explora a eficácia da semiótica como uma ferramenta metodológica e o potencial alcance de sua aplicação, e o faz em termos mais discursivos, embora em ambos esses livros, a perspectiva de Sebeok tenha fundamentações teóricas sólidas.

Em contraste, *The Sign & Its Masters*, livro publicado nesse meio tempo, considera as diferentes possibilidades de ramificações a partir de nossas duas alternativas semióticas, quais sejam, semiótica de código e semiótica de interpretação. De fato, além de ser um livro teórico compacto, *The Sign & Its Masters* também oferece um exame das diversas alternativas, posições e fases dos estudos dos signos, à medida que foram sendo encarnados através da história por importantes intelectuais dos signos, que lidaram com eles direta ou indiretamente.

Os escritos de Sebeok nos transformam em testemunhas diretas dos pontos de mudança em sua pesquisa à medida que ele experimenta, discute e avalia diferentes métodos da inquirição semiótica, identifica possíveis objetos de análise e ultrapassa as fronteiras, ou melhor, sugere o ilimitado na semiótica

¹² Sebeok, *The Play of Musement*, Bloomington: Indiana University Press, 1981.

como um campo disciplinar. A partir desse ponto de vista, *The Sign & Its Masters* – como, na realidade, toda sua pesquisa – é transicional na medida em que contribui significativamente para a mudança em direção à semiótica da interpretação. Essa mudança liberta o estudo dos signos de uma vez por todas da subordinação à linguística (saussuriana) e de falsas dicotomias: semântica da comunicação versus semiótica da significação, semântica referencial versus semântica não referencial.¹³

I Think I Am a Verb, de 1986, é o quarto livro da tetralogia dos anos 70 e 80. Desde então, outras publicações importantes seguiram numa rápida sucessão. Entre elas estão: *Essays in Zoosemiotics* (1990), *A Sign is Just a Sign* (1991), *American Signatures* (1991), *Semiotics in the United States* (1991), *Signs: An Introduction to Semiotics* (1994), *Come comunicano gli animali che non parlano* (1998) e *Global Semiotics* (2001),¹⁴ sem falar das relevantes publicações

¹³ Umberto Eco, *Trattato di semiótica generale*, Milão: Bompiani, 1975; tradução para o inglês, *A Theory of Semiotics*, Bloomington: Indiana University Press, 1976. [Nota do Tradutor: Em português, publicado com o título *Tratado geral de semiótica*, São Paulo: Perspectiva, 2005.]

¹⁴ Sebeok, *I Think I Am a Verb: More Contributions to the Doctrine of Signs*, Nova York: Plenum Press, 1986; Sebeok, *Essays in Zoosemiotics*, M. Danesi (org.), Toronto: University of Toronto Press, 1990; Sebeok, *A Sign is Just a Sign*, Bloomington: Indiana University Press, 1991; Sebeok, *American Signatures: Semiotic Inquiry and Method*, op. cit.; Sebeok, *Semiotics in the United States*, Bloomington e Indianápolis: Indiana University Press, 1991; Sebeok, *Signs: An Introduction to Semiotics*, Toronto: Toronto

anteriores, tais como *Perspectives in Zoosemiotics* (1972), e mais inúmeras outras sob sua organização, incluindo *Animal Communication* (1968), *Sight, Sound, and Sense* (1978), e *How Animals Communicate* (1979).¹⁵

Mais do que continuar essa longa lista de publicações, bastaria lembrar que a primeira publicação de Sebeok é de 1942. Seus escritos são a expressão de uma pesquisa em curso e de uma reflexão apurada de mais de meio século, que interpretou o universo semiótico, contribuindo substancialmente para que se manifestassem a multiplicidade, a variedade e a articulação infinitas deste.

I Think I Am a Verb é um livro que, ao mesmo tempo em que demonstra um largo alcance de interesses, também atua como uma rampa de lançamento para novas pesquisas itinerárias dentro da vasta região da semiótica. O título evoca as últimas palavras do 18º presidente dos Estados Unidos, Ulysses Grant, que soa como os harmônicos peirceanos. De fato, na visão de Peirce, o homem é um signo assim como todos os seres vivos o são. No

University Press, 1994; Sebeok, *Come comunicano gli animali che non parlano*, S. Petrilli. (org.), Bari: Edizioni dal Sud, 1998; Sebeok, *Global Semiotics*, op. cit.

¹⁵ Sebeok, *Perspectives in Zoosemiotics*, Haia: Mouton, 1972; Sebeok (org.), *Animal Communication: Techniques of Study and Results of Research*, Bloomington: Indiana University Press, 1968; Sebeok (org.), *Sight, Sound, and Sense*, Bloomington e Londres: Indiana University Press, 1978; Sebeok (org.), *How Animals Communicate*, Bloomington: Indiana University Press, 1979.

entanto, a escolha de Sebeok por um verbo, ao invés de um substantivo para caracterizar esse signo, serve para enfatizar a condição de uma transformação, de uma renovação e de um tornar-se contínuos dos signos no mundo humano.

Um ponto fundamental da doutrina dos signos de Sebeok é que viver é atividade sígnica. Manter e reproduzir vida, e não apenas interpretá-la a nível científico, são atividades que necessariamente envolvem o uso de signos. Sebeok teoriza uma conexão direta entre os universos biológico e semiótico e, portanto, entre biologia e semiótica. Sua pesquisa parece desenvolver a convicção de Pierce de que o homem é um signo, acrescentando que esse signo é um verbo: interpretar. E na concepção particular de Sebeok sobre a realidade, a atividade de interpretar coincide com a atividade da vida, e no caso pessoal dele, com toda sua vida. Se eu sou um signo, como ele parecia estar dizendo através de sua vida como pesquisador, então nada que é signo é alheio a mim – *nihil signi mihi alienum puto*. E se o signo situado na interminável corrente de signos é necessariamente um “interpretante” – termo dado por Pierce ao efeito de um signo, um efeito que é ele mesmo um signo – então, “interpretar”, é o verbo que melhor pode me ajudar a entender quem sou.

A posição de Sebeok é diferente da de Saussure, que limitou a ciência do signo aos estreitos espaços dos signos da cultura humana e, ainda mais reduzidamente, aos signos produzidos intencionalmente para comunicação. Para Sebeok, nenhum aspecto da vida do signo deve ser excluído,

assim como limites devem ser inaceitáveis em semiótica, quer sejam os contingentes (por exemplo, fatores políticos) ou derivados de uma convicção epistemológica (um viés direcionado a uma teoria particular do conhecimento). Contrariamente às primeiras impressões, então, o trabalho de Sebeok não clama por um status de onisciência científica e filosófica, ou pela habilidade de resolver todos os problemas indiscriminadamente.

Acreditamos que a consciência de Sebeok da vastidão, variedade e complexidade dos territórios com os quais ele está comprometido a explorar e dos problemas que ele analisa, demonstra um senso de extrema prudência, sensibilidade aos problemas e humildade nas interpretações que ele oferece. Esse não é o caso apenas de quando ele se aventura por territórios traiçoeiros de signos, mas ainda mais em relação à enganosa esfera dos signos dos signos – o lugar de suas sondagens semióticas.

A pesquisa semiótica de Sebeok

Sebeok começou seus estudos no ensino superior durante a segunda metade dos anos 30, em Cambridge. Ele foi particularmente influenciado pelo livro *The Meaning of Meaning* (1923), de Charles K. Ogden e Ivor A. Richards, muito antes desta obra ter se tornado um clássico da semiótica.¹⁶ Além disso, ele pode se gabar

¹⁶ Charles K. Ogden e Ivor A. Richards, *The Meaning of Meaning: A Study of the Influence of Language upon Thought and of the Science of Symbolism*, Londres: Kegan Paul, 1923;

de ter sido privilegiado pelo contato direto com dois grandes mestres do signo mencionados anteriormente que, de maneiras diferentes e sob diferentes aspectos, foram também seus professores: Charles Morris e Roman Jakobson.¹⁷

Vamos agora listar e distinguir ao mesmo tempo os vários aspectos e partes do múltiplo “universo semiótico”, à medida que eles emergem da pesquisa semiótica de Sebeok.

Na visão de Sebeok, o universo é perfundido com signos. Esses signos são interconectados e interdependentes, e formam uma enorme “rede” semiótica – para usar uma imagem cunhada por Sebeok em 1975. Ciência do signo ou semiótica é o lugar onde estudos sobre a vida dos signos e sobre os signos da vida convergem. Através de sua análise sobre o material significante que se torna biosfera (a esfera da vida), Sebeok contempla o universo inteiro como um signo, *à la* Pierce:

um amplo *representamen*, um grande signo... um argumento... necessariamente um grande trabalho de arte, um grande poema... uma sinfonia... uma pintura.¹⁸

nova edição com introdução de Umberto Eco, Nova York: Harcourt Brace Janovich, 1989.

¹⁷ Ver capítulo 5, ‘Vital Signs’, em Sebeok, *I Think I Am a Verb*, op. cit.; ver também as partes dedicadas a essas figuras em Sebeok, *The Sign & Its Masters*, op. cit., e em Sebeok, *Semiotics in the United States*, op. cit.

¹⁸ Charles S. Peirce, *Collected Papers*, 8 vols. Cambridge (Mass.): The Belknap Press of Harvard University Press, 1931-58, vol. 5, § 119. [Nota do Tradutor: citação original:

Sebeok volta sua atenção aos signos que são comumente o objeto de estudos de especialistas de diferentes campos, observando-os em suas especificidades e ao mesmo tempo em suas inter-relações. Esse alcance dos signos, desde os signos da “natureza” até os signos da “cultura”, dos signos humanos aos signos animais, dos signos verbais aos não verbais, das linguagens naturais às artificiais, dos signos altamente “plurivocais” e “dialógicos” aos “univocais” e “monológicos”, ou melhor, sinais, dos signos da vida consciente aos signos da vida inconsciente. Esses signos são dotados de graus variados de indexicalidade (uma relação de causalidade e/ou contiguidade entre um signo e o que ele significa – por exemplo, um sintoma na pele causado por um vírus no corpo); “simbolicidade” (arbitrariedade entre signo e objeto, tal como usar a palavra “beer” [cerveja] em inglês para se referir à classe de bebidas denominada “cerveza” em espanhol); e “iconicidade” (uma relação de semelhança, como no caso de um retrato, um diagrama, uma metáfora, uma tradução).

Ao olhar para o universo inteiro, a contemplação expansiva de Sebeok é o signo de sua profunda consciência de que os signos são interdependentes e relacionais, à medida que ele demonstra como uma compreensão de qualquer tipo particular de signo – tal como o verbal – só é possível à luz de sua relação com outros signos na grande rede de signos. Na

“a vast representamen, a great symbol...an argument...necessarily a great work of art, a great poem...a symphony...a painting”.]

perspectiva ecumênica de Sebeok, portanto, os signos da natureza e da cultura que formam essa rede não são considerados dividida e separadamente, mas como interpretantes, “efeitos significantes” uns dos outros.

A respeito desse último ponto e em discussão com os principais expoentes que representam diferentes tendências na semiótica hoje, Sebeok coloca que:

[Para] mim... o império da Natureza, ou *Weltbuch*, sobre a Cultura, ou *Bucherwelt*, tem sido sempre evidente. Apenas a base teórica de patente foi velada para determinar o que Blumenberg¹⁹ chamou de um “alte Feindschaft” entre esses dois sistemas semióticos; o segundo obviamente imerso no primeiro. Por isso minha “redescoberta” do *Umweltlehre* veio como uma revelação pessoal.²⁰

Sebeok se refere aqui ao trabalho de um de seus mestres, Jakob von Uexküll (1864-1944). Para Uexküll, cada organismo existe dentro do mundo específico de sua própria espécie, que ele chama de “*Umwelt*”. *Umwelten* pode ser tanto simples, como no caso de

¹⁹ Ver Hans Blumenberg, *Die Lesbarkeit der Welt*, Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1981, p. 17.

²⁰ Sebeok, *Global Semiotics*, op. cit. [Nota do Tradutor: citação original: “[To] me...the imperium of Nature, or *Weltbuch*, over Culture, or *Bucherwelt*, has always been unmistakable. Only a patent theoretical basis was veiled to resolve that Blumenberg has called an ‘alte Feindschaft’ between these two semiotic systems, the latter obviously immersed in the former. This is why my ‘rediscovery’ of the *Umweltlehre* came as such a personal revelation”.]

organismos primitivos como os protozoários, quanto complexos, como no caso dos mais desenvolvidos organismos. Particularmente complexo é o *Umwelt* humano (na realidade, *Umwelten*, porque, como veremos mais tarde, os seres humanos podem ter mais de um mundo), que prevê até mesmo espaço e tempo coordenados.

Os numerosos mundos humanos, sejam eles reais ou possíveis, são parte do que o semioticista russo Jurij M. Lotman (1922-93) chama de “semiosfera” (isto é, a totalidade dos signos humanos). É uma forte tentação para os semioticistas fazerem com que todos os signos coincidam com os signos da semiosfera ao invés de reconhecerem que a semiosfera, limitada à cultura humana, é apenas uma parte da biosfera. Na verdade, a semiosfera real – entendida como a esfera de todos os signos – é a biossemiosfera. Portanto, Sebeok tem convicção de que a abordagem antropocêntrica dos signos é o resultado de uma visão de entendibilidade míope que limita os signos à espécie-específica do mundo “cultural” humano. Mas “cultura” não pode ser separada de “natureza”, porque aquela é parte desta. Contudo, não há dúvidas de que o mundo humano interior, com grande esforço e seriedade de estudos, pode alcançar um entendimento de palavras não humanas e de sua conexão com elas.

O universo semiótico de Sebeok

O universo semiótico de Sebeok compreende, então, o seguinte:

- A vida dos signos e os signos da vida, como eles aparecem hoje nas ciências biológicas: os signos da vida animal e especificamente da vida humana, os signos da vida adulta e das relações dos organismos com o meio ambiente, os signos de formas normais e patológicas de dissolução e deterioração de capacidades comunicativas.

- Signos humanos verbais e não verbais. Os signos humanos não verbais incluem signos que dependem da língua natural (aqui considerada como o contrário de “artificial”, “técnica”, língua “especializada”; línguas naturais, tais como o inglês, o alemão, o espanhol, o chinês e assim por diante são também, obviamente, línguas sócio-históricas) e signos que, pelo contrário, não são dependentes da língua natural e que, portanto, existem além das categorias da linguística. Entre esses, estão inclusos os signos das línguas “parasitas”, tais como as artificiais (o esperanto, entre outras), os signos das “línguas gestuais”, tais como a língua de sinais dos aborígenes²¹ australianos e ameríndios, e a língua dos surdos, os signos dos bebês e os signos do corpo humano, ambos em sua mais cultural dependência e em suas manifestações biológico-naturais.

²¹ Ver SEBEOK. (Ed. Com D. Jean Umiker-Sebeok), *Aboriginal Sign Languages of the Americas and Australia*. 2 vols. Nova York: Plenum Publishing Corporation, 1978.

- Os signos humanos intencionais, controlados pela vontade, e os não intencionais, signos inconscientes, tais como aqueles que se dão na comunicação entre seres humanos e animais em casos como o do “Hans Esperto”²². Aqui, animais parecem capazes de certas performances (contar, por exemplo) simplesmente porque eles respondem a sugestões não intencionais e involuntárias de seus treinadores. Esse grupo inclui signos de todos os níveis de vida consciente e inconsciente, e signos em todas as formas de mentira (que Sebeok identifica e estuda também em animais), de engano, de autoengano e de boa fé.

- Signos no máximo grau de plurivocidade (isto é, signos com um número de diferentes significados possíveis e, assim, de interpretações) e, por outro lado, signos que se caracterizam pela univocidade e que, portanto, são sinais (ou seja, um signo que desencadeia apenas uma reação, tal como o tiro de largada em uma corrida).

- Signos vistos em todas as suas matizes de indexicalidade (como colocado acima: relação de causalidade e/ou contiguidade entre um signo com o que ele significa), simbolicidade (relação de arbitrariedade entre signo e objeto) e iconicidade (relação de semelhança).²³

²² Ver “Talking with animals: Zoosemiotics Explained”, em Sebeok, *The Play of Musement*, op. cit.

²³ Ver Sebeok, *Signs*. op. cit. pp. 17-93.

• Finalmente, “signos dos mestres dos signos”. Aqueles através dos quais é possível traçar as origens da semiótica (por exemplo, em sua antiga relação com a adivinhação e com a medicina), ou através dos quais podemos identificar os intelectuais que contribuíram direta ou indiretamente (como os “criptossemióticos”) à caracterização e ao desenvolvimento dessa ciência, ou “signos dos mestres dos signos”, através dos quais podemos estabelecer as origens e o desenvolvimento da semiótica relativa a uma determinada nação ou cultura, como podemos observar no estudo de Sebeok sobre a semiótica nos Estados Unidos. “Signos dos mestres dos signos” também incluem os signos narrativos das anedotas, testemunhais e memórias pessoais, que revelem esses mestres não só como intelectuais, mas como pessoas – seu caráter, comportamento, hábitos cotidianos. Nem mesmo esses signos, “humanos, demasiado humanos”, escapam dos interesses semióticos de Sebeok.

Tudo isso está muito longe da ciência limitada dos signos concebida na tradição saussuriana!

Metaciência e “Doutrina dos Signos”

A semiótica de Sebeok une o que outros campos do conhecimento e a práxis humana geralmente mantêm separado, ou por exigências justificadas de ordem especializada, ou por causa de uma tendência inútil e por que não, prejudicial em direção à setorialização

míope. Tal atitude não está livre de implicações ideológicas, que são, com frequência, pobremente mascaradas por motivações de ordem científica.

A biologia e as ciências sociais, a etologia e a linguística, a psicologia e as ciências da saúde, suas especializações internas – da genética à semiótica médica, a psicanálise, a gerontologia e a imunologia – todas encontram na semiótica, tal como concebida por Sebeok, o lugar do encontro e da troca recíproca, assim como a sistematização e a unificação.

Ao mesmo tempo, deve-se reforçar que a sistematização e a unificação não são entendidas aqui nos termos estáticos de uma “encyclopaedia”, que tome a forma da justaposição do conhecimento e de práticas linguísticas, ou da redução do conhecimento a um campo científico único e sua linguagem relativa.

A semiótica global pode ser apresentada como uma metaciência que toma como seu campo todas as disciplinas acadêmicas relacionadas ao signo. Ela não pode ser reduzida ao status de filosofia da ciência, embora como uma ciência, ela seja engajada na troca dialógica com a filosofia.

Sebeok alcança uma visão global através de uma mudança contínua e criativa em uma perspectiva que favorece o desenvolvimento de novas relações interdisciplinares e novas práticas interpretativas. Relações sígnicas são identificadas em lugares que, para alguns, parecem existir não mais que meros “fatos” e relações entre coisas independentes de processos comunicativos e interpretativos. Além disso, essa contínua mudança de perspectiva também favorece a descoberta de novos campos e linguagens

cognitivos, que agem dialogicamente. Eles são interpretados como signos e, como tal, o ato de interpretação é um “interpretante” que, no esquema peirceano, embora seja um “efeito” do signo, pode ele mesmo se tornar um novo signo. À medida que explora as fronteiras e margens das ciências, Sebeok denomina essa natureza aberta da semiótica de “doutrina dos signos”.

Semiótica como a “Doutrina dos Signos”

Apesar de tal orientação totalizante, é notável que Sebeok não use nem o enobrecedor termo “ciência”, nem o termo “teoria” para nomeá-la. Pelo contrário, como vimos, ele prioriza repetidamente a expressão “doutrina dos signos”, adaptada de John Locke, para quem uma doutrina é um corpo de princípios e opiniões que formam vagamente um campo de conhecimento. Sebeok também usa essa expressão, tal como entendida por Charles S. Peirce (isto é, referindo-se às instâncias da crítica kantiana). Tudo isso é para dizer que Sebeok investe na semiótica não apenas com a tarefa de observar e descrever fenômenos, neste caso os signos, mas também de interrogar sobre as condições de possibilidade que caracterizam e especificam os signos pelo que eles são, na medida em que eles emergem da observação (necessariamente limitada e parcial), e pelo que eles devem ser.²⁴

²⁴ Ver o prefácio de Sebeok para *Contributions to the Doctrine of Signs*, op. cit.

Esse modesto e, ao mesmo tempo, ambicioso caráter da “doutrina dos signos” conduz Sebeok à interrogação crítica kantiana de suas condições de possibilidade: a doutrina dos signos é a ciência do signo que se questiona, que tenta responder por si mesma, que inquire suas próprias fundamentações. Como uma doutrina dos signos, a semiótica é também filosofia, não porque ilude a si mesma por acreditar que possa substituir a filosofia, mas porque ela *não* se ilude ao acreditar que o estudo dos signos é possível sem questões filosóficas regulando suas condições de possibilidade.

De que maneira a semiótica pode ser uma ciência e uma metaciência?

Sebeok acrescenta mais significativamente um outro sentido para a “semiótica”, além de ciência geral dos signos, à medida que indica *a especificidade da semiose humana*. Esse conceito é claramente proposto em um artigo de 1989, “Semiosis and Semiotics: What Lies In Their Future?”,²⁵ e é de vital importância para uma *fundamentação transcendental da semiótica*, dado que isso explica de que maneira a semiótica como ciência e metaciência é possível. Ele escreve:

A semiótica é um jeito exclusivamente humano de inquirir, que consiste na contemplação – seja de

²⁵ Originalmente escrito por convite de Norma Tasca, representando a Associação Portuguesa de Semiótica, para o jornal português *Cultura e Arte* 52, 1989; agora disponível em *A Sign is Just a Sign*; op. cit., pp. 97-99.

maneira informal ou formalizada – da semiose. Essa busca, é certo predizer, continuará, pelo menos, por quanto tempo nossa espécie sobreviver, pelo tempo que ela já existe, por estimados três milhões de anos, nas sucessivas expressões do *Homo*, diversamente rotuladas – refletindo, entre outros atributos, um crescimento da capacidade cerebral com concomitantes habilidades cognitivas – *habilis*, *erectus*, *sapiens*, *neanderthalensis*, e agora, *s. sapiens*. A semiótica, em outras palavras, simplesmente aponta para a propensão universal da mente humana pelo devaneio especularmente focado para sua própria estratégia cognitiva em longo prazo e em suas manobras diárias. Locke designou essa indagação como uma busca pela “compreensão humana”; Peirce, como “jogo do devaneio”.²⁶

Esse uso do termo “semiótica” encapsula a ideia do estudo geral dos signos e da tipologia da semiose

²⁶ Ibid., p. 97. [Nota do Tradutor: citação original: “Semiotics is an exclusively human style of inquiry, consisting of the contemplation – whether informally or in formalized fashion – of semiosis. This search will, it is safe to predict, continue at least as long as our genus survives, much as it existed, for about three million years, in the successive expressions of *Homo*, variously labeled – reflecting, among other attributes, a growth in brain capacity with concomitant cognitive abilities – *habilis*, *erectus*, *sapiens*, *neanderthalensis*, and now *s. sapiens*. Semiotics, in other words, simply points to the universal propensity of the human mind for reverie focused specularly inward upon its own long-term cognitive strategy and daily manoeuvrings. Locke designated this quest as a search for ‘humane understanding’; Peirce, as ‘the play of musement’.”.]

(atividade sígnica). Em seu artigo “The Evolution of Semiosis”,²⁷ Sebeok explica as correspondências que existem entre os ramos da semiótica e os diferentes tipos de semiose, do mundo dos microorganismos aos grandes reinos e o mundo humano. A antropossemiose, uma semiose especificamente humana, é representada como semiótica, graças a um dispositivo de “modelagem” exclusivo a humanos, denominado “língua”. Essa observação é baseada no fato de que é virtualmente certo que o *Homo habilis* (cerca de dois milhões de anos atrás) era dotado de língua, mas não de fala. Isso quer dizer que os humanos possuíam capacidade para a *língua*, como um dispositivo cognitivo para diferenciação, muito antes de começarem a implementá-lo através da fala para os propósitos da *comunicação* verbal. Anteriormente à forma verbal, a *comunicação* realizava-se para propósitos não verbais.²⁸

No mundo da vida, que coincide com a semiose,²⁹ a semiose humana é caracterizada como metassemiose. Em outras palavras, a semiose humana oferece a possibilidade de refletir sobre os signos, de fazer dos signos o objeto de interpretação não apenas em termos de resposta aos signos, mas também à reflexão sobre os

²⁷ Ver *Semiotik/Semiotics*, vol. 1, Capítulo III, *A Handbook on the Sign – Theoretic Foundations of Nature and Culture*, vol. 1, Organizado por Roland Posner, Klaus Robering, Thomas A. Sebeok, Berlim e Nova York: Walter de Gruyter, 1997.

²⁸ A distinção de Sebeok entre *língua* e *fala* corresponde, grosso modo, à distinção entre *Kognition* e *Sprache*, trazida por Horst M. Muller em seu livro de 1987, *Evolution, Kognition and Sprache*, Berlim: Paul Parey. Ver *ibid.*, p. 443.

²⁹ *Ibid.*, pp. 436-37.

signos, onde a resposta é suspensa e a deliberação é possível. Essa capacidade humana, requintadamente específica para a metassemiose, pode também ser chamada de “semiótica”.

Desenvolvendo a astuta observação feita por Aristóteles (384-322 a.C.) no início da *Metafísica*, seu influente trabalho filosófico, de que o homem tende, por natureza, ao conhecimento, podemos acrescentar que o homem tende, por natureza, à semiótica. A semiose humana se apresenta caracteristicamente como *semiótica*.

A semiótica como semiose humana ou antroposseiose pode:

- tanto aventurar-se por todo o universo em busca de significados e sentidos, considerando-o, portanto, pelo ponto de vista dos signos;
- quanto absolutizar a antroposseiose identificando-a com a própria semiose.

No primeiro caso, a semiótica como disciplina ou ciência (Saussure), ou como teoria (Morris), ou como doutrina (Sebeok), apresenta-se como “semiótica global” (Sebeok) e pode ser estendida ao universo inteiro, na medida em que este é perfundido com signos (Peirce). No segundo caso, por outro lado, a semiótica é limitada e antropocêntrica.

Três aspectos da função unificante da semiótica

A função unificante da semiótica, que emerge da pesquisa de Sebeok, pode ser considerada a partir do

ponto de vista de três aspectos estritamente inter-relacionados, todos pertencentes à mesma prática interpretativa.

Antes de tudo, sempre interpretamos: não apenas quando raciocinamos, mas também quando desejamos saber *o quê* ou *quando* sentimos (calor, frio, medo, apetite, amor, ódio, tédio e assim por diante). Cada vez que nos tornamos conscientes de uma sensação, mesmo da mais imediata, produzimos uma interpretação. Mais ainda, interpretam-se significados em vista de formar hipóteses e, assim, corre-se o risco de errar. Infelizmente, nossas interpretações não podem se referir a regras invariáveis e inquestionáveis como ocorre, por exemplo, por exclusão, na demonstração matemática (dedução). Nem é possível afirmar que sempre que nós hipotetizamos pode-se formular regras gerais à base de um teste completo de *todos* os casos específicos (indução) – simplesmente não há tempo para isso na vida das pessoas. Como, então, interpretamos? Por adivinhação. Essa é uma resposta simples, mas tivemos de esperar que Peirce a formulasse. Peirce chama esse processo interpretativo específico de “abdução” (para distinguir de dedução e indução). Com a palavra “abdução” ou “retrodução”, Peirce indica um processo interpretativo sem regras pré-estabelecidas que o garantam. De fato, o raciocínio abduutivo começa por casos específicos e coloca em risco a hipótese de uma regra geral que seja capaz de explicá-los, e que deve ser descoberta ou inventada por adivinhação. A regra é verdadeira apenas na condição de ser confirmada no caso em questão. Os processos interpretativos humanos são, em sua maioria, de tipo

abduativo, e quanto mais arriscado o jogo de adivinhação, mais esses processos são inovadores e criativos. As interpretações da semiótica são a expressão do alto nível da razão abduativa.

Consideremos agora, como Sebeok usa as práticas interpretativas do tipo abduativo para identificar signos e relações entre signos. A partir desse ponto de vista, sublinhamos três aspectos da análise semiótica, que estão expostos detalhadamente abaixo.

1. O aspecto descritivo-explanatório;
2. O aspecto metodológico;
3. O aspecto ético.

1. O aspecto descritivo-explanatório

A semiótica destaca, descreve e explica os signos, formando eventos que podem ser considerados como signos uns dos outros. Alguma coisa é um signo de outra coisa por três razões fundamentais.

- O signo e aquilo do qual ele é um signo podem ser conectados por uma relação de contiguidade e causalidade (fumaça e fogo, nuvem e chuva): nesse caso, a relação é “*indéxica*” e o signo é um “*índice*”.
- Ou o signo e aquilo do qual ele é um signo podem ser associados à base de uma relação de semelhança (que pode ser vaga ou questionável), mais do que por fatores de contiguidade e causalidade (“*vida*” e “*valsa*” na metáfora “*a vida*”).

é uma valsa”): nesse caso, a relação é “icônica” e o signo é um “ícone”.

- Ou o signo e aquilo do qual ele é um signo podem ser conectados por uma *convenção social*, mais do que por fatores de contiguidade e causalidade ou de similaridade (“water” em inglês, “acqua” em italiano, para H₂O na linguagem da Química): nesse caso, a relação é “simbólica” e o signo é um “símbolo”.

A semiótica, do ponto de vista de seu aspecto descritivo-explanatório evidencia relações sîgnicas, mesmo onde elas não foram observadas. Isso se dá não só com relação a objetos, eventos e fenômenos, mas também em relação às ciências que estudam esses assuntos. Por exemplo, através de interpretações que são altamente abduativas (isto é, hipotéticas e arriscadas), a semiótica estabelece uma conexão entre seus próprios estudos e a biologia. Graças à capacidade de inovação, determinada em processos interpretativos de abdução, a semiótica, que conseqüentemente sabe olhar para semelhanças entre campos que parecem ser completamente diferentes e está interessada nos signos onde quer que eles ocorram, é bem sucedida ao inter-relacionar campos científicos, mesmo quando eles parecem estar distantes uns dos outros.

A relação de semelhança ou similaridade identificada pela semiótica é muito diferente daquele tipo imediato e superficial de semelhança, denominado “analogia” na linguagem da biologia, distinto das semelhanças de ordem genético-

estrutural denominadas “homologia”. Na biologia comparativa, a semelhança entre a asa de um pássaro e a de um inseto não é significativa, mesmo sendo ambas chamadas de asas. Por outro lado, a semelhança entre coisas que, a princípio, pareceriam muito diferentes, tais como a nadadeira de um peixe, a asa de um pássaro e o membro de um ser humano, são de grande interesse em termos científicos. Como já dissemos, esse tipo de semelhança é de ordem genética e estrutural (ou seja, pertencentes à esfera da homologia). Quando a semiótica afirma que “vida é semiose” (isto é, atividade sígnica), ela está estabelecendo uma relação de similaridade entre vida e signos de tipo homólogo. Essas relações são, de fato, completamente diferentes da similitude superficial que há ao se afirmar que “a vida é uma valsa”.

2. O aspecto metodológico

A semiótica é também a busca por métodos de investigação e aquisição de conhecimento, tanto ordinário quanto científico. Desse ponto de vista, e diferentemente do primeiro aspecto, a semiótica não se limita simplesmente em descrever e explicar, mas também constrói propostas concernentes ao comportamento cognitivo. Sob esse aspecto, da mesma forma, então, a semiótica supera a tendência pela especialização provinciana entre as ciências, que causa separação entre elas.

3. O aspecto ético

Para o aspecto ético, propomos o termo “etossemiótica” ou “telossemiótica”, que vem de “telos” (fim). Nesse aspecto, a função unificante da semiótica tem a ver com orientações proposicionais e práticas para a vida humana em sua totalidade (a vida humana considerada em todos seus aspectos biológicos e sócio-culturais). O foco está no que pode ser chamado de “problema da felicidade”. Heródoto (484-424 a.C.), o pai da história, que evidentemente já considerava este um importante problema, narra em seu primeiro livro, *Histórias*, a queda de Creso, o último rei da Lídia, que imaginava ser o mais feliz dos homens. Por sua vez, a história de Creso descrita por Heródoto é interpretada por Sebeok: a felicidade é impossível de ser mantida por Creso por causa de sua inabilidade em manter os mundos (e signos) de cada um de seus dois filhos em seus devidos lugares: um, com o dom da palavra, o outro, surdo, mudo e sem nome. Por uma reviravolta do destino, o filho sem fala e nome consegue falar e salva a vida do pai; por outro lado, o filho capacitado é reduzido ao silêncio da morte por sua eloquência. De acordo com Sebeok, a moral dessa história é que a felicidade requer que o fluxo de comunicação do não verbal para o verbal seja restaurado, e bloquear esse fluxo pode ser trágico.

O estudo de Sebeok, “The Two Sons of Croesus: A Myth about Communication in Herodotus”,³⁰ reflete neste terceiro aspecto da semiótica, que se refere ao

³⁰ Em Sebeok, *The Sign & Its Masters*, op. cit.

problema da sabedoria como depositada em mitos, na tradição popular e na literatura em gêneros particulares (aqueles descritos por Mikhail Bakhtin como pertencentes à “literatura carnalizada” que deriva da cultura cômica popular).³¹ Por analogia ao filho surdo de Crespo, podemos lembrar a reticente Cordélia do Rei Lear, ou, em *O mercador de Veneza*, a mudez e simplicidade da urna de chumbo – que, contrariando o senso comum, torna-se um signo que contém a imagem de Pórcia.

A respeito deste terceiro aspecto da função unificante da semiótica, há uma atenção particular em reaver a conexão com o que é considerado e experimentado separadamente. No mundo de hoje, a lógica da produção e as leis que regem o mercado, permitindo que tudo possa ser trocado e mercantilizado, ameaçam tornar a humanidade cada vez mais insensível. Cada vez mais, os seres humanos prestam muito pouca ou quase nenhuma atenção aos signos de tudo aquilo que não pode ser medido ou comprado, mas que pode ser recebido de graça (amizade, amor, misericórdia, perdão e o próprio dom da vida), e que atualmente tem papel principal em nossas vidas. Esses signos podem abranger desde os signos vitais que formam o corpo, aos signos aparentemente fúteis da comunicação fática com o

³¹ Ver Mikhail M. Bakhtin, *Rabelais and his World*, Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1968. [Nota do Tradutor: publicado no Brasil com o título *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, São Paulo e Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.]

outro (por exemplo, o uso das fórmulas de cortesia ou comentários sobre se vai chover ou não). A reconsideração desses signos e suas relativas inter-relações parecem absolutamente necessárias nos dias atuais, para que a qualidade de vida seja melhor. A Economia da globalização capitalista impõe condições ecológicas em que a comunicação entre nós e nosso próprio corpo, assim como com o meio ambiente, é ainda mais difícil e distorcida. Nossos corpos se tornaram entidades egocêntricas separadas, treinadas para serem exploradas mais do que para apreciarem e incrementarem o valor da existência humana e da vida em geral.³²

Mais ainda, esse terceiro aspecto da semiótica também opera de um modo que une as visões do mundo racional ao mito, à lenda, à fábula e a todas as outras formas da tradição popular, que dizem respeito à relação dos humanos com o mundo diante deles. Tal função é rica de implicações para o comportamento humano: aqueles signos da vida, que não podemos ou não desejamos ler, ou aqueles signos que nós não sabemos como ler, podem um dia reaver sua importância e relevância para a humanidade.

Origem dos signos e origem da vida

À medida que estuda todos os tipos de mensagens, a semiótica descobre “eventos semióticos” em organismos vivos. Consequentemente, como

³² Ver as interessantes considerações de Sebeok em “The Semiotic Self”, em Sebeok, *The Sign & Its Masters*, op. cit., Appendix I.

mencionado, na base das interpretações, tanto indutivas (isto é, confirmadas por muitos e diversos casos), como abduativas (ou seja, baseadas em hipóteses e consideradas válidas até que se prove o contrário), Sebeok acredita que os processos semióticos e a vida coincidem. Tal identificação implica em uma correspondência entre semiótica e *biossemiótica*, e envolve a *zoossemiótica* (com relação ao que se refere à antropossemiótica) com um papel completamente diferente daquele concebido por Umberto Eco³³ (1975), que a descreve como “o limite inferior da semiótica”. Da mesma maneira, a interpretação da biossemiótica como um mero “setor” da semiótica é também reduitiva.

Nas pesquisas de Sebeok, a semiótica é interpretada e praticada como uma ciência da vida, como biossemiótica. Segue-se que sua abordagem da semiótica pode ser situada na tradição do pensamento estabelecido pelos fundadores e mestres da semiótica, por figuras como aquelas que já nomeamos: Hipócrates, Galeno, Peirce, von Uexküll e, nos últimos tempos, René Thom (um importante topologista e intelectual peirceano, bem versado nos princípios da biologia).

Neste contexto, a semiótica de Sebeok examina o problema da origem dos signos, que é nada menos que o problema da gênese do universo. Ele lida com todos os tipos de semiose, do fluxo livre de energia-informação aos sinais e signos.

O desenvolvimento da semiose e sua complexa articulação coincidem com a evolução da vida terrestre,

³³ Ver Eco, *Trattato di semiotica generale*, op. cit.

desde uma única célula até sua diversidade multiforme dos dias atuais, subdividida em três (ou quatro) grandes reinos celulares: plantas, animais e fungos. Esses reinos coexistem e interagem com o microcosmo e, juntos, eles formam a “biosfera” ou esfera da vida; juntamente com a “semiosfera” de Lotman. Como vimos, elas formam a “biossemiosfera”.

Um traço característico da semiose *humana* é a presença dos signos verbais. No entanto, para evitar interpretações de ordem antrope ou fonocêntrica (isto é, enviesada por humanos e pela voz dos *signos verbais*), a semiose *humana* ou antroposseiose deve ser considerada no contexto mais amplo da semiose geral (ou seja, da biossemiose). Como afirma Sebeok,³⁴ toda a vida terrestre funciona através de signos não verbais, enquanto que apenas a vida humana funciona a partir de dois tipos de signos – verbais e não verbais.

Viver e mentir

Na Itália, muito antes de Eco ter definido a semiótica como a disciplina que estuda o mentir,³⁵ Giovanni Vailati (1863-1909) havia afirmado que os signos podem ser usados para desviar e enganar. Ele intitulou sua crítica ao *L'arte di persuadere*, de Giuseppe Prezzolini, “Un manuale per bugiardi” (“Um manual para

³⁴ Ver “From Peirce (via Morris and Jakobson) to Sebeok: Interview with Thomas A. Sebeok”, em Sebeok, *American Signatures: Semiotic Inquiry and Method*, op. cit., pp. 95-105.

³⁵ Eco, *Trattato di semiótica generale*, op. cit.

mentirosos”).³⁶ Esse aspecto particular dos estudos de Vailati é analisado por Augusto Ponzio em sua monografia de 1988 sobre o filósofo e semioticista Ferruccio Rossi-Landi (1921-85). “Plurivocità, omologia, menzogna” (“Plurivocidade, homologia, mentira”) é o título de uma seção inclusa em um capítulo dedicado à relação entre Rossi-Landi e Vailati,³⁷ seu predecessor. O próprio Sebeok evoca Vailati em seu artigo “Peirce in Itália”, de 1981.³⁸ Ele também analisa o uso dos signos para o mentir (um tema que constitui ainda um outro leitmotiv em sua pesquisa) – em outras palavras, o uso dos signos para a fraude, a ilusão e a decepção, a capacidade dos signos para criar máscaras e fingir.

Enganação, mentira e ilusão são formas de comportamento às quais um semioticista como Sebeok, engajado nos signos onde quer que eles ocorram, não consegue resistir. Por exemplo, ele é atraído pelos signos do ilusionista e retorna constantemente às formas de comportamento e situações que lembram Hans Esperto, o cavalo que, à primeira vista, sabia ler e escrever, mas que na realidade, era apenas um intérprete eficaz dos sinais comunicados a ele por seu treinador, tanto voluntária

³⁶ Os escritos de Vailati estão agora disponíveis em um trabalho publicado em três volumes: Vailati, *Scritti*, org. por M. Quaranta, Sala Bolognese: Arnaldo Forni Editore, 1987.

³⁷ Ver A. Ponzio, *Rossi-Landi e la filosofia del linguaggio*, Bari: Adriatica, 1988.

³⁸ Sebeok, “Peirce in Italia”, *Alfabeto* 35, 28 de Abril de 1981.

quanto inadvertidamente, através de uma tentativa de fraude intencional.³⁹

Sebeok explora a capacidade de mentir no mundo animal não humano, um interesse que acreditamos ter uma dupla motivação. A primeira está relacionada a seu compromisso em contradizer a crença de que animais podem “falar”, no sentido literal, e que eles são dotados de uma característica – a língua –, que é específica exclusivamente à humanidade. Em alguns casos, isso envolve um desmascaramento de atos fraudulentos de impostores; em outros, envolve a desconstrução de ilusões. Através de discussão teórica, documentação e mesmo de paródias,⁴⁰ Sebeok deu uma importante contribuição ao evidenciar o absurdo, muitas vezes ridículo e, sem dúvida, de consequências cientificamente infundadas, de se ignorar e abstrair diferenças espécie-específicas entre a comunicação verbal humana e a comunicação animal.

A segunda motivação tem a ver com o desejo de Sebeok em explorar uma questão fascinante: se os animais não humanos mentem como os humanos. Como evidenciado pelos estudos da zoossemiótica, os signos não pertencem exclusivamente ao mundo humano, e pode ser que o uso dos signos também implique na habilidade de mentir.⁴¹

³⁹ Ver Sebeok, “Looking in the Destination for What Should Have Been Sought in the Source”, em Sebeok, *The Sign & Its Masters*, op. cit., pp. 85-106.

⁴⁰ Ver “Averse Stance”, em Sebeok, *I Think I Am a Verb*, op. cit., pp. 145-48.

⁴¹ Ver Sebeok, “Can Animals lie?”, in Sebeok, *I Think I Am a Verb*, op. cit., pp.126-30.

Excessos semióticos além da função sígnica

O mundo dos signos, obviamente, não é apenas o mundo da enganação, mas também de outras práticas (sem dúvida, conectadas com este último), tais como jogar, usar símbolos e fazer presentes. O fato de os animais usarem signos significa que também essas práticas, que são em sua maioria consideradas como prerrogativas de “cultura”, podem ser traçadas no mundo animal não humano. Contrastando com aqueles pesquisadores que frequentemente insistem, enfática ou exclusivamente, na *função* dos signos com o propósito de entenderem a *natureza* dos signos, Sebeok reforça a importância da atividade sígnica como um fim de si mesma. Em outras palavras, a atividade sígnica ocorre independentemente de funções e propósitos específicos e, portanto, às vezes é necessário considerá-la como uma espécie de mecanismo semiótico inútil, não funcional e improdutivo. Também esse aspecto particular da semiose não está meramente restrito aos signos do comportamento ritual em animais humanos e não humanos e, como tal, não tem uma função discernível. A linguagem verbal – que, mais frequentemente do que se pensa, é interpretada em relação à função comunicativa – também é mais bem compreendida em termos de jogo e da propensão humana a fantasiar e a sonhar acordada ou “devaneio”.⁴² A propensão para o devaneio implica

⁴² Examinado sob certos aspectos por Morris, por exemplo, em “Mysticism and Its Language”, de 1957, aliás, um artigo bastante incomum para aqueles que identificam seu trabalho com seus livros de 1938 a 1946. *Foundations of the Theory of Signs* e *Signs, Language and Behavior*, agora em

na habilidade humana em executar algumas operações, como prever o futuro ou “viajar” pelo passado – a habilidade, isto é, de construir, desconstruir e reconstruir a realidade, inventando, desse modo, novos mundos e modelos interpretativos. Temos de lembrar que, ao interpretar Peirce, Sebeok empresta a feliz expressão *The Play of Musement* [O jogo do devaneio] como título de seu livro de 1981.

De fato, como Peirce já tinha demonstrado, a capacidade para mecanismos inferenciais, que permite o desenvolvimento qualitativo do conhecimento, é fundamental para jogar e fantasiar, assim como para praticar a inquirição e a simulação. Aludimos aqui ao que Peirce chama de “abdução”, ou “hipótese”, ou “adivinhação”. Abduções surpreendentes acontecem na Ciência, por meio de descobertas científicas, e também nas investigações policiais, em que a solução inacreditável de um caso pode depender de formulações que parecem arriscadas à primeira vista. O que os famosos investigadores Augusto Dupin e Sherlock Holmes (criados, respectivamente, por Edgar Allan Poe e Arthur Conan Doyle e, portanto, por seus “jogos de devaneio”) chamam de “análise” ou “dedução” é, na verdade, abdução.⁴³

Morris, *Writings on the General Theory of Signs*, T. A. Sebeok (org.), Haia e Paris: Mouton, 1971.

⁴³ Ver Sebeok (com J. Umiker-Sebeok), “‘You Know My Method.’ – A Juxtaposition of Charles S. Peirce and Sherlock Holmes”, em Sebeok, *The Play of Musement*, op. cit.

A Semiótica por si mesma está dessa maneira engajada no jogo do devaneio. Nas palavras de Sebeok:

A preocupação central da semiótica é uma matriz ilimitada de ilusões concordantes; sua principal missão é mediar a realidade e a ilusão – revelar a ilusão substrata subjacente à realidade e buscar a realidade que pode, no fim das contas, esconder-se por trás dessa ilusão. Esse exercício abduutivo se torna, doravante, o privilégio que as gerações futuras terão de perseguir, à medida que as pessoas jovens possam ser induzidas a prestarem atenção aos conselhos de seus médicos eleitos.⁴⁴

E, para mostrar como o aspecto inconsciente do comportamento sígnico transcende a ordem simbólica intencional, que é precisamente orientada para funções e fins, em seu texto “The Two Sons of Croesus”⁴⁵, Sebeok também se refere à questão do sonhar, esse “processo imagético de comunhão”, que ele descreve como

⁴⁴ Sebeok, “Vital Signs”, em Sebeok, *I Think I Am a Verb*, op. cit., pp. 77-78. [Nota do Tradutor: citação original: “The central preoccupation of semiotics is an illimitable array of concordant illusions; its main mission to mediate between reality and illusion – to reveal the substratal illusion underlying reality and to search for the reality that may, after all, lurk behind that illusion. This abductive assignment becomes, henceforth, the privilege of future generations to pursue, in so far as young people can be induced to heed the advice of their elected medicine men”.]

⁴⁵ Em Sebeok, *The Sign & Its Masters*, op. cit., p.175.

“silencioso, mas não menos eloquente”, o mesmo processo designado por Sigmund Freud, o pai da psicanálise, como “trabalho onírico”.⁴⁶

A falta de funcionalidade, ou de formas de “consumo improdutivo”, ou de dissipação, são identificadas por Sebeok como fases “entrópicas” necessárias ao desenvolvimento da vida na terra. É como se a vida necessitasse continuamente da morte – de fato, é fundamentada nela –, com o objetivo de se reproduzir e se manter. As implicações de tal afirmação, feitas dentro de diferentes tendências na história da filosofia, são numerosas. No que se refere à teoria do signo, a implicação é que a corrente semiótica está sujeita a perdas, lacunas, ao apagamento do sentido. Tudo isso significa que, em relação ao material sígnico, também devemos necessariamente postular um tipo de antimaterial.

Sebeok aponta que a pesquisa sobre a natureza do signo fica muito limitada quando restringe sua atenção apenas à *função* sígnica. Por outro lado, ele enfatiza a importância da atividade sígnica que não é direcionada a objetivos e fins específicos. A propensão para a atividade sígnica não funcional e improdutiva é visível em comportamentos rituais entre seres humanos e animais, mas também na comunicação verbal. De fato, além de sua função comunicativa, as expressões verbais podem ser consideradas como

⁴⁶ S. Freud, *The Interpretation of Dreams* (1899), em *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. 4, Londres: Hogarth, 1953-74. [Nota do Tradutor: publicado no Brasil com o título *A Interpretação dos sonhos*, Rio de Janeiro: Imago, 1999.]

jogos, sem os quais a imaginação, a fantasia ou o raciocínio abduutivo, nos mais altos graus de inovação e invenção, jamais seriam possíveis.⁴⁷

Teoria dos sistemas de modelagem

A noção de *modelo* é fundamental na semiótica de Sebeok. Ele, de fato, desenvolve o conceito de modelagem, tal como proposto pela chamada escola de Tártu-Moscú (A.A. Zaliznjak, V.V. Ivanov, V.N. Toporov e J.M. Lotman). Para essa escola de semioticistas, modelagem é utilizada para denotar a linguagem* natural (“sistema de modelagem primário”) e os outros sistemas culturais humanos (“sistemas de modelagem secundários” – tais como o romance, a pintura, a televisão e assim por diante). Sebeok busca ampliar esse conceito para além do domínio da antropossemiótica. Relacionando “modelagem” com o conceito de *Umwelt*, do biólogo Jakob von Uexküll, a interpretação de Sebeok pode ser traduzida como um “modelo do mundo exterior”. Com base nas pesquisas sobre biossemiótica, Sebeok defende

⁴⁷ Sobre esses aspectos, ver, particularmente, *The Play of Musement*, de Sebeok, op. cit.

* Nota do Tradutor: No inglês, como se sabe, a palavra *language* é utilizada para designar tanto o que chamamos de *linguagem*, como o que chamamos de *língua*. Neste trabalho, optamos por traduzir *language* para *língua*, por exemplo, nos casos em que os autores contrapõem este conceito ao de *speech* (*fala*).

que a capacidade para a modelagem é observável em todas as formas de vida.⁴⁸

Esses termos precisam de uma pequena elucidação. O estudo do comportamento de modelagem no interior e através de todas as formas de vida requer um quadro metodológico desenvolvido a partir do campo da biossemiótica. Esse quadro metodológico é *a teoria dos sistemas de modelagem* proposta por Sebeok em sua pesquisa sobre a interface entre a semiótica e a biologia. A teoria dos sistemas de modelagem estuda os fenômenos da semiótica como processos de modelagem.⁴⁹

À luz da semiótica vista como uma teoria de sistemas de modelagens, a semiose – habilidade presente em todas as formas de vida – pode ser definida como “a capacidade de uma espécie de produzir e compreender os tipos específicos de modelos que ela requer para processar e codificar, à sua maneira, estímulos perceptíveis”.⁵⁰

O estudo aplicado da teoria dos sistemas de modelagem é chamado de *análise de sistemas*, que se distingue entre sistemas de modelagem primários, secundários e terciários.

⁴⁸ Ver Sebeok, *A Sign is Just a Sign*, op. cit., pp. 49-58, 68-82, e Sebeok, *Signs*, op. cit., pp. 117-27.

⁴⁹ Ver Sebeok e Marcel Danesi, *The Forms of Meanings: Modeling Systems Theory and Semiotic Analysis*, Berlim e Nova York: Mouton de Gruyer, 2000, pp. 1-43.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 5. [Nota do Tradutor: citação original: “the capacity of a species to produce and comprehend the specific types of models it requires for processing and codifying perceptual input in its own way.”]

O sistema de modelagem primário é a capacidade inata para modelos *simuladores* – em outras palavras, é um sistema que permite aos organismos simular algo em modo espécie-específico (ou seja, em maneiras que não estão disponíveis a outras espécies).⁵¹ Sebeok chama de “língua” o sistema de modelagem primário espécie-específico da espécie denominada *Homo*.

O sistema de modelagem secundário é aquele que inclui processos de modelagem tanto “indicacionais” quanto “extencionais”. A forma não verbal de modelagem indicacional foi documentada em várias espécies: humanos, certamente, possuem-na, mas outros animais também. A modelagem extencional, por outro lado, é uma capacidade unicamente humana, pois que ela pressupõe *língua* (sistema de modelagem primário) que, como vimos, Sebeok distingue de *fala* (sistema de modelagem secundário humano).⁵²

O sistema de modelagem terciário é aquele que exalta o que é altamente abstrato, os processos de modelagem baseados em símbolos. Esses sistemas são os sistemas culturais humanos (mais uma vez, a pintura, o romance, a televisão e assim por diante) que a escola de Tártu-Moscú erroneamente julgou “secundários”, entendendo-os como um resultado da combinação entre “fala” e “língua”⁵³

A questão da origem da linguagem verbal humana

⁵¹ Ibid., pp. 44-45.

⁵² Ibid., pp. 82-85.

⁵³ Ibid., pp. 120-29.

A questão da origem da linguagem verbal humana tem sido constantemente deixada de lado pela comunidade científica e considerada indigna de discussão, tendo frequentemente dado origem a afirmações inocentes e infundadas.⁵⁴ Em meio a essas atitudes, Sebeok, por sua vez, não se esquece do problema das origens nem subestima sua importância.

Ele defende que a linguagem verbal humana é espécie-específica. É baseado nisso que ele debate frequentemente com grande ironia os defensores entusiasmados de projetos desenvolvidos para ensinar palavras a primatas criados em cativeiro. Tal comportamento bizarro é baseado no falso pressuposto de que animais são capazes de falar ou, o que é ainda mais absurdo, que eles possuem capacidade para a língua. A distinção que Sebeok faz entre “língua” e “fala”⁵⁵ não apenas evita conclusões mal formuladas a respeito da comunicação animal, como também constitui uma crítica geral ao impulso de se privilegiar a voz (fonocentrismo) e de se basear

⁵⁴ Uma exceção é oferecida pelo livro de Giorgio Fano (1885-1963), intitulado *Origini e natura del linguaggio*, Torino: Einaudi, 1972; Tradução inglesa e introdução de S. Petrilli, *Origins and Nature of Language*, Bloomington: Indiana University Press, 1992. Ver também os ensaios em Paul Cobley (org.), *The Routledge Companion to Semiotics and Linguistics*, Londres: Routledge, 2001.

⁵⁵ “From Peirce (via Morris e Jakobson) to Sebeok: Interview with Thomas A. Sebeok”, em Sebeok, *American Signatures: Semiotic Inquiry and Method*, op. cit.

investigações científicas estritamente em princípios humanos (antropocentrismo).⁵⁶

De acordo com Sebeok, a língua apareceu e evoluiu como uma *adaptação* muito antes da fala na evolução da espécie humana até o *Homo sapiens*. A língua não é um dispositivo comunicativo (nesse ponto, Sebeok concorda com Noam Chomsky, muito embora este último não faça a mesma distinção entre *língua* e *fala*); em outras palavras, a função específica da língua não é transmitir mensagens ou dar informações.

Ao invés disso, Sebeok descreve a língua como um *dispositivo de modelagem*.⁵⁷ Toda espécie é dotada de um modelo que “produz” seu próprio mundo, e a língua é o modelo que pertence aos seres humanos. No entanto, como um dispositivo de modelagem, a linguagem humana é completamente diferente dos dispositivos de modelagem de outras formas de vida. Seu traço característico é o que os linguistas chamam de *sintaxe*, as regras operacionais e de ordenação de elementos individuais. Mas se, para os linguistas, tais elementos ordenados pela sintaxe são palavras e frases, Sebeok se refere a uma sintaxe muda quando fala de sintaxe na língua. Essa sintaxe ordena os eventos e objetos da experiência humana, transformando-os em elementos de sua *Umwelt*. Através da sintaxe, os humanos estabelecem regras operacionais para organizarem suas

⁵⁶ “Communication , Language, and Speech: Evolutionary Considerations”, presente em *I Think I am a Verb*, livro de Sebeok de 1986, op. cit., pp. 10-16.

⁵⁷ Ver Sebeok, “Language as a Primary Modeling System”, em Sebeok, *Signs*, op. cit., p. 125.

relações uns com os outros e com o meio ambiente à sua volta mesmo *antes* de falar. Tão antiga quanto os homínídeos, a sintaxe tornou possível que eles tivessem não só uma “realidade” (isto é, um mundo), mas também que concebessem um número indefinido de mundos possíveis, capacidade que é exclusiva à espécie humana.

Graças à sintaxe, a língua humana é como o brinquedo Lego. Ela pode remontar um número limitado de peças de construção de maneiras infinitamente diversas. Como um dispositivo de modelagem, a língua pode produzir um número indefinido de modelos; em outras palavras, as mesmas peças podem ser desmontadas e juntadas para se construir um número infinito de modelos diferentes.

E graças à língua, os animais humanos produzem não apenas mundos, como outras espécies, mas também, como disse o filósofo alemão Leibniz, os seres humanos podem produzir um número infinito de mundos possíveis. Isso nos leva de volta ao “jogo do devaneio”, uma capacidade humana que Sebeok, retomando Peirce, considera particularmente importante para a pesquisa científica e todas as formas de investigação, e não apenas para a ficção e outras formas de criação artística.

A fala, assim como a língua, apareceu como uma adaptação, mas *em prol da comunicação* e muito depois da linguagem, precisamente com o *Homo sapiens*. Conseqüentemente, a língua também acabou se tornando um dispositivo de comunicação; e a fala se desenvolveu a partir da língua, no que alguns biólogos evolucionistas chamam de *exaptação* derivativa. Tais

desenvolvimentos parecem ser resultados evolutivos inevitáveis; mas são subprodutos de algum outro desenvolvimento ou adaptação a circunstâncias.⁵⁸

Exaptada para a comunicação, primeiro na forma da fala, e mais tarde na escrita, a língua permitiu aos seres humanos aprimorar a capacidade não verbal, da qual eles ainda não tinham sido dotados. Por outro lado, a fala foi exaptada para modelar e funcionar, portanto, como um sistema de modelagem secundário. Além de aumentar a capacidade de comunicação, a fala também aumentou a capacidade de inovação e do “jogo do devaneio”. A pluralidade de línguas e a “criatividade linguística” (Chomsky) comprovam a capacidade da língua, compreendida como um sistema de modelagem primário, de produzir numerosos mundos possíveis.

Dispositivo de modelagem e iconicidade: a mente como um sistema sógnico

Sebeok acredita que a linguagem, como um dispositivo de modelagem, relata *iconicamente* (pela semelhança) o universo que ela modela. Essa afirmação conecta-o diretamente a Peirce e a Jakobson, que reforçaram a importância dos signos icônicos. Uma relação não menos importante pode ser feita com o *Tractatus*, de Ludwig Wittgenstein, especialmente com a noção de “retrato”.

⁵⁸ Ver S. J. Gould e R. Lewontin, “The Spandrels of San Marco”, *Proceedings of the Royal Society B*, 205, 1979, pp. 581-98.

A relação icônica também pode ser mais bem explicada e analisada pela distinção, discutida acima em relação à biologia, entre *analogia* e *homologia*, analisada por Rossi-Landi.⁵⁹

A analogia é a similaridade direta entre objetos isolados e estáticos. Ela une o que está dividido ou, pelo menos, o que não está unido de maneira apropriada. A homologia revela como, o que parece – ou comumente parece – estar dividido, está, na realidade, unido geneticamente. Ela reconhece a unidade original. Em outras palavras, ela transforma o que geneticamente era dois, em um: o processo real e original consiste em dividir um, em dois. Essa distinção entre analogia e homologia é própria da orientação geral da pesquisa de Sebeok, dada sua associação com a biologia. Seu método é homológico.

Essa abordagem, que relaciona linguagem e mundo, também tem implicações para a teoria do conhecimento, para o estudo dos processos cognitivos e para a psicologia, à qual Sebeok se dirige diretamente, em termos de psicolinguística e psicosemiótica. Relacionando a semiótica à neurobiologia, ele descreve a mente como um sistema ou modelo sógnico, representando o que é comumente chamado de mundo

⁵⁹ Ver Ferruccio Rossi-Landi, *Linguistics and Economics*, Haia: Mouton, 1977, p. 75. Ver também Ferruccio Rossi-Landi, *Language as Work and Trade* (1968), tradução inglesa de M. Adams et al, South Hadley (Massachusetts): Bergin and Garvey, 1983. [Nota do Tradutor: este último, disponível também em português: F. Rossi-landi, *A linguagem como trabalho e como mercado: uma teoria da produção e da alienação linguísticas*, São Paulo: Difel, 1985.]

ao redor (*Umwelt*). Esse modelo é um ícone, um tipo de diagrama em que as relações mais pertinentes são de ordem espacial e temporal. Essas relações não são fixadas de uma só vez, mas podem ser fixadas, modificadas e fixadas novamente, em correspondência (uma relação de semelhança) ao *Innenwelt* (mundo interior) do organismo humano. Com base nesse modelo, comparável a um diagrama ou um mapa, a mente humana pode se orientar se deslocando de um nó a outro na rede de signos, escolhendo, a cada vez, o caminho interpretativo considerado mais adequado.⁶⁰

Semiótica da vida e globalização

A semiótica da vida, de Sebeok, também promove uma compreensão adequada e uma interpretação compreensiva da “globalização”. A produção social de hoje se caracteriza pela revolução da indústria automatizada, pela comunicação global e pelo mercado global. Essa expansão implica não apenas em um nível quantitativo, mas também e, acima de tudo, em uma transformação no nível da qualidade, que consiste no fato de que tudo pode ser traduzido em commodities, havendo uma produção contínua destas. Isso traz consequências para o modo em que as pessoas consideram a si próprias. Geralmente, na base de todo comportamento está a ideia de que você é o que você produz, e que o que você consome faz de você o indivíduo que você quer ser.

⁶⁰ Ver Sebeok, “Naming in Animals with Reference to Playing: A Hypothesis”, em Sebeok, *I Think I Am a Verb*, op. cit., Capítulo 7.

Em nossos tempos, a comunicação não é mais simplesmente uma fase intermediária no ciclo de produção (produção, câmbio, consumo), mas se tornou a modalidade constitutiva dos próprios processos de produção e consumo. Não só o câmbio por si só já é comunicação, como também a produção e o consumo devem agora ser considerados como comunicação. De fato, a produção é baseada em processos comunicativos, dos quais as expressões mais óbvias são a automação, a robotização, a computadorização e a informação online. Graças ao desenvolvimento dos meios de comunicação, hoje a produção pode utilizar (com baixo custo) labor do outro lado do mundo. O consumo é cada vez mais o consumo das commodities de um tipo particular (isto é, consumo de *mensagens* – consumo telefônico, televisivo e telemático, acesso a bases de dados, a processos educacionais e de treinamento, entre outros). Conseqüentemente, todo o ciclo da produção se tornou comunicação e, por conseguinte, essa fase particular na produção social pode ser caracterizada como a fase “comunicação-produção”.

A comunicação-produção comunica o mundo como ele é hoje. Trata-se de comunicação *global*, não apenas no sentido de que tenha se expandido por todo o planeta, mas também, que agora constitui o mundo como ele é. Talvez seja melhor dizer: é comunicação *desse** mundo. Comunicação e realidade, comunicação e ser, coincidem.

* Nota do Tradutor: solução que encontramos para “of this world”.

Assim, a política realista (se não é realista, não é política) é a política apropriada à comunicação global, a modalidade de ser da comunicação-produção.

Um dos riscos envolvidos na comunicação-produção global é o risco da própria destruição da comunicação. Aqui, o conceito de destruição não se refere meramente àquele fenômeno relativamente simples ou banal, comumente identificado na literatura e no discurso fílmico como “incomunicabilidade” (um mal subjetivo-individualista causado pela transição em comunicação, em sua corrente fase de desenvolvimento, e inseparável da produção). Ao contrário, quando falamos do risco do fim da comunicação, estamos nos referindo a nada menos que a possibilidade do *fim da vida* no planeta terra. Nesse contexto de discurso, a comunicação não é, obviamente, entendida nos termos redutivos descritos acima, mas é equiparada à vida.

De acordo com essa abrangente interpretação, comunicação e vida coincidem, como deixa claro a semiótica de Sebeok. Desse ponto de vista, o fim da comunicação envolveria, de fato, o fim da vida. E, realmente, a produção na sociedade de hoje, diferentemente de todas as fases precedentes do desenvolvimento social, é dotada de um enorme potencial para a *destruição*.⁶¹

Para um entendimento adequado a respeito da comunicação em sua atual especificação histórico-

⁶¹ Ver Augusto Ponzio e Susan Petrilli, *Il sentire nella comunicazione globale*, Roma: Meltemi, 2000.

social como um fenômeno mundial, assim como em sua relação com a vida em todo o planeta (lembrando, portanto, que vida e comunicação coincidem), a semiótica deve adotar a perspectiva planetária de Sebeok, tanto no sentido espacial, quanto no temporal. Tal orientação necessita de uma abordagem mais distanciada, para que a vida contemporânea não permaneça aprisionada pelas fronteiras da própria vida contemporânea.

Com a propagação do “biopoder” (Michel Foucault)⁶² e do policiamento do corpo dentro do processo de produção, a comunicação mundial vai de mãos dadas com a disseminação do conceito de indivíduo, entendido como uma entidade separada e autossuficiente. O corpo tem sido entendido e experimentado como uma entidade biológica isolada, como pertencente ao indivíduo, à esfera de pertencimento do indivíduo. Tal atitude apagou as práticas culturais e conduziu à marginalização das visões de mundo baseadas no corpo como um lugar de prática social. O corpo como antigo “lugar social” foi relegado aos estudos arqueológicos dos analistas de folclore e preservado em museus etnológicos e nas histórias das literaturas nacionais.

O corpo passou a ser observado de maneira diferente na cultura popular europeia, como nos lembra Mikhail Bakhtin,⁶³ em seu estudo sobre o

⁶² Ver Luther H. Martin, Hutch Gutman, Patrik H. Hutton (orgs.), *Technologies of the Self: Seminar with Michel Foucault*, Amherst: The University of Massachusetts Press, 1988.

⁶³ Ver Mikhail Bakhtin, *Problems of Dostoevsky's Poetics* (1963), Manchester: Manchester University Press, 1984;

“realismo grotesco” da Idade Média e do Renascimento. A vida corpórea não era concebida de maneira separada do resto da existência terrestre, mas como um todo com outras formas de vida animal e vegetal. Os signos do corpo *grotesco* (do qual apenas traços muito fracos sobreviveram nos dias atuais) incluem máscaras ritualísticas e carnavalescas utilizadas em festividades populares. O “realismo grotesco” na cultura popular medieval (o qual preexiste às várias formas de individualismo corporalmente conectadas ao crescimento da burguesia mercantil) apresenta o corpo como algo não confinado a si mesmo, mas na simbiose com outros corpos, em relações de transformação e renovação que excedem os limites da vida individual. Em completo contraste, a comunicação mundial de hoje não integra os corpos humanos aos tipos de relações transformativas experimentadas na cultura medieval. Isso não enfraquece a concepção individualista, privada e estática do corpo; pelo contrário, reforça-a.

Como revelado, sobretudo, por Foucault (mas também lembrado pela aguçada análise de Rossi-Landi já nos anos 70),⁶⁴ divisões especializadas entre as ciências são cruciais para as necessidades sócio-ideológicas do “novo cânone do corpo

[Nota do Tradutor: em português, *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.] e Bakhtin, *Rabelais and His World*, op. cit.

⁶⁴ Ver Rossi-Landi, *Language as Work and Trade*, op. cit.; Rossi-Landi, *Linguistics and Economics*, Haia: Mouton, 1977; e Rossi-Landi, *Between Signs and Non-Signs*, org. por S. Petrilli, Amsterdã: John Benjamins, 1992.

individualizado” (Bakhtin).⁶⁵ Este, por sua vez, funciona para auxiliar a inserção controlada dos corpos no ciclo de reprodução do atual sistema global de produção.

Esse sistema de produção agora requer labor social, que é “social” apenas na medida em que é a média ou a somatória do trabalho de indivíduos mantidos separados e reciprocamente indiferentes uns aos outros. Esses trabalhadores não estão unidos por um objetivo comum, a não ser o de reproduzir o ciclo de produção, um fim externo a eles e em relação ao que os aliena.

Uma abordagem global e destotalizante da semiótica demanda um alto grau de consciência e aceitação do outro, uma boa vontade em ouvir aos outros em sua alteridade, uma capacidade de abertura ao outro, de ser medida, não só em termos quantitativos, mas também qualitativamente. Todas as interpretações semióticas dos estudiosos dos signos, especialmente a nível metasemiótico, não podem se constituir sem uma realização de diálogo com o outro. O “dialogismo” é, de fato, uma condição fundamental para uma abordagem global em que, ser globalmente orientado significa realmente privilegiar a abertura em direção ao particular e ao local, mais do que a tendência de totalizar e enclausurar. Essa é uma abordagem do universo dos signos que privilegia o movimento em direção à destotalização, mais do que à totalização.

⁶⁵ Bakhtin (1965), *Rabelais and his World*, op. cit.

Uma abordagem dialógica das semióticas europeia e americana

Em *Semiotics in the United States*, Sebeok analisa a semiótica americana em três diferentes níveis, a princípio, proximamente inter-relacionados e facilmente identificáveis.

No *primeiro* nível, ele conduz uma pesquisa sistemática e histórica das mais variadas tendências, perspectivas, problemas, campos, especializações e instituições que caracterizam a semiótica americana. Observando o desenvolvimento histórico, Sebeok assume a difícil tarefa de reconstruir as origens da semiótica americana, identificando a pesquisa formulada no discurso, que não era ainda conotada como “semiótica” até aquele momento e, em certos casos, ainda hoje, considerada apenas marginalmente associada com a semiótica, ou ainda completamente distante desta.

O *segundo* nível é teórico e crítico. Sebeok toma uma posição com relação aos problemas da semiótica: estes incluem problemas de ordem geral, que dizem respeito, por exemplo, à delimitação do campo da semiótica ou da construção de um modelo sógnico. Eles também incluem problemas de uma ordem mais específica, concernentes aos vários setores e subsetores da ciência, ou “doutrina dos signos”. A impressão que Sebeok dá é que o nível dos problemas dá as cartas de toda a pesquisa: o que promove um retrato mais completo, mais compreensivo do primeiro nível e evita que a pesquisa fique limitada apenas ao descritivismo histórico.

O *terceiro* nível está relacionado com o segundo à medida que, enquanto desenvolve e ilustra visões teóricas, Sebeok os colore com tons harmônicos e, na maioria das vezes, com divertidas anedotas biográficas. Sebeok frequentemente figura como um dos personagens presentes nas histórias, episódios e iniciativas que formam sua narração. Isso se deve em grande parte ao seu envolvimento surpreendente e, talvez, sem precedentes, na organização e promoção da ciência semiótica em nível mundial – uma causa com a qual ele vem se comprometendo desde a emergência da semiótica como uma disciplina propriamente dita. Sebeok esteve em contato direto com muitos dos autores mencionados neste livro, tendo acumulado inúmeras “memórias” de experiências pessoais com eles. Consequentemente, essas memórias encontraram seu lugar dentro da descrição dos problemas e orientações que caracterizam o globo semiótico.

Com relação a esses três fatores de definição, outro livro de Sebeok, similar ao *Semiotics in the United States*, é *The Sign & Its Masters*. Também aqui, os tópicos histórico, crítico-teórico e anedótico do discurso de Sebeok convergem e se entrelaçam mais ainda do que em seus outros livros, embora o aspecto autobiográfico não esteja ausente de nenhum desses outros. *Semiotics in the United States* pode também ser relacionado ao *I Think I am a Verb*, em que não faltam motivações biográficas na escolha dos tópicos, autores e personalidades citadas – incluindo o 18º presidente dos Estados Unidos da América, Ulysses S. Grant, cujas palavras inspiraram o título do livro.

O que se nota logo de cara sobre o trabalho de Sebeok pode ser descrito como sua abordagem “dialógica” e “polifônica” (no sentido bakhtiniano dessas palavras). Sebeok promove um diálogo entre signos, entre diferentes ordens de signos, entre diferentes práticas interpretativas, domínios e campos, assim como entre “mestres” dos signos, inclusive entre aqueles que jamais haviam tido contato direto entre si, ou mesmo aqueles que nem suspeitavam que estavam lidando com signos (que ele chamou de “criptossemiotistas”).

Em consonância com seu reconhecimento da importância do “dialogismo” para o desenvolvimento do pensamento, e de maneira mais ampla, para a evolução da vida em geral, da qual os processos do pensamento humano são parte, Peirce (forçado ao isolamento depois de ter sido excluído da vida acadêmica) também havia tido a oportunidade de escrever (em uma carta para Victoria Lady Welby, a 2 de dezembro de 1904, que trazia muito de suas próprias visões) que: “Afim, a filosofia só pode ser passada no boca-a-boca, onde há a oportunidade de contestar e atravessar questões.”⁶⁶

Como confirmado por sua longa carreira de professor e pelo constante comprometimento com a promoção da “comunidade dos inquiridores”, para Sebeok, a continuidade da troca dialógica tem importância vital. De fato, como afirma Iris Smith em

⁶⁶ Em Charles S. Hardwick (org. e introdução ix-xxxiv), *Semiotic and Significs: The Correspondence Between Charles S. Peirce and Victoria Lady Welby*, Bloomington e Londres: Indiana University Press, 1977.

sua introdução ao livro de Sebeok de 1991, *American Signatures: Semiotic Inquiry and Method*, seu modo peculiar de viver sua condição como um intelectual converge para o fato de que a reflexão individual deve ser mensurada frente às reflexões de outros.

Semiose além de Gaia?

O campo semiótico se estende por todos os sistemas biológicos terrestres, da esfera dos mecanismos moleculares no mais baixo limite, a uma hipotética entidade no limite mais elevado, batizada como “Gaia”, o termo grego para “Mãe-Terra” – um termo introduzido por cientistas no final dos anos 70 para designar todo o ecossistema terrestre, que engloba a atividade interativa de diferentes formas de vida na Terra.⁶⁷

Como diz Sebeok, aludindo aos mundos fantásticos das *Viagens de Gulliver*, a semiose se espalha pelo mundo liliputiano da genética molecular e da virologia para o mundo *humano de Gulliver* e, finalmente, para o *mundo Brobdingnag*, ou Gaia, nosso ecossistema biogeoquímico.

E além? Será que podemos afirmar que a semiose se estende além de Gaia? Um “além” compreendido em termos de espaço, mas também de tempo? A semiose é possível além de Gaia, fora dela, e além da

⁶⁷ Ver James E. Lovelock, *Gaia: A New Look at Life on Earth*, Oxford: Oxford University Press, 1979, e Lynn Margulis, *The Symbiotic Planet: A New Look at Evolution*, Londres: Phoenix Books, 1999.

duração da vida desse organismo gigante? Sebeok também pondera sobre essa questão.⁶⁸

Com sua pesquisa, Sebeok faz um balanço do impressionante progresso geral e expansão do campo da semiótica durante os últimos vinte ou trinta anos. A começar por uma definição redutiva da semiótica como o estudo da troca de algum tipo de mensagem e sistemas sígnicos relacionados (aos quais vimos sua crítica), ele teoriza a semiótica como o “jogo do devaneio”, mediando entre a realidade e a ilusão.

O “jogo do devaneio”, que ativa a pesquisa de Sebeok, é tão livre de preconceitos que, ao examinar a correspondência entre vida e semiose, ele vai tão longe, que arrisca a hipótese de que o fim da vida acaba não implicando necessariamente no fim da semiose. Com alguma probabilidade, os processos sígnicos que constroem interpretantes sem limites, podem continuar em máquinas independentes dos humanos. Essa conclusão orwelliana (formulada por Sebeok em seu importante e muito citado texto “Semiosis and Semiotics: What Lies in their Future?”) joga com a hipótese da máquina como o único lugar que resta para os trabalhos da “vida dos signos”. Seja qual for a maneira com a qual queiramos brincar com as palavras “vida” e “signos”, essa conclusão propõe um tipo de distopia ou utopia negativa. De um ponto de vista, o humano pode potencialmente se tornar uma forma da não vida; como tal, excluiria a presença

⁶⁸ Ver “Semiosis and Semiotics: What Lies in their Future?”, op. cit.

dos signos considerando a fórmula de Sebeok: vida = atividade sígnica.

À-propos da relação entre vida, semiose e semiótica, e como uma conclusão desse ensaio dedicado a Sebeok como um *Festschrift* ao seu 80º aniversário*, desejamos que a semiose do Sebeok homem e a semiótica do Sebeok semioticista possam ainda viver por muito tempo significando a vida!

* Nota do Tradutor: A versão em língua inglesa deste livro foi publicada em 2001.

Leitura Recomendada

Eugene Baer, "Thomas A. Sebeok's Doctrine of Signs", em Martin Kramper et al. (orgs.), *Classics of Semiotics*, Nova York: Plenum Press, 1987, pp. 181-210.

Jeff Bernard, "Thomas A. Sebeok und die Zeichen des Lebens", em Peter Weibel (org.), *Jenseits von Kunst (= Passagen Kunst)*, Wien: Passagen Verlag, 1997, pp. 739-40.

Paul Bouissac et al., *Iconicity: Essays on the Nature of Culture: Festschrift for Thomas A. Sebeok on his 65th Birthday*, "Foreword" by Claude Lévi-Strauss, Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1986.

Instituto de investigaciones humanísticas, Universidad Veracruzana (org.), *Semiosis* 26-29, número dedicado a Thomas A. Sebeok por seus 70 anos, 1992.

Marcel Danesi, *The Body in the Sign: Thomas A. Sebeok and Semiotics*, Toronto: Legas, 1998.

John Deely (org.), *Thomas A. Sebeok: Bibliography: 1942-1995*, Bloomington, Indiana: Eurolingua, 1995.

John Deely, "Thomas A Sebeok", entrada em Paul Bouissac (org.), *Encyclopedia of Semiotics*, Oxford: Oxford University Press, 1998.

John Deely, *Basics of Semiotics*, Bloomington: Indiana University Press, 1999.

John Deely e Susan Petrilli, *Semiotics in the United States and Beyond: Problems, People, and Perspectives*, artigos resultados do seminário de 6 a 10 de julho de 1992, a respeito do livro *Semiotics in the United States*, de Sebeok, realizado no Centro di Semiotica e Linguistica di Urbino (Itália), edição especial, *Semiotica*, 97-3/4, 1993.

Susan Petrilli, "Sebeok", em P. Cobley (org.), *The Routledge Companion to Semiotics and Linguistics*, Londres: Routledge, 2001.

Iris Smith, "Thomas A. Sebeok: 'The Semiotic Self' in America", em *American Signatures: Semiotic Inquiry and Method*, Norman: University of Oklahoma Press, 1991, pp. 3-18.

"Symbolicity", artigos da International Semioticians' Conference in Honour of Thomas A. Sebeok's 70th Birthday, Budapeste e Viena, de 30 de setembro a 4 de outubro de 1990. Fontes em *Semiotics* 11, Lanham: University Press of América, 1993.

Eero Tarasti (org.), *Commentationes in Honorem Thomas A. Sebeok Octogenarii A. D. MM Editae*, Imatra, Finlândia: International Semiotics Institute, 2000. Dentre os 13 capítulos desse livro, ver especialmente o prefácio editorial de Eero Tarasti; "The Biosemiotic Paradigm of Thomas A. Sebeok", de Marcel Danesi; e

“The Sebeok Factor: The Right Man at the Right Place at the Right Moment”, de Solomon Marcus.

Norma Tasca (org.), *Ensaio em homenagem a/Essays in honor of Thomas A. Sebeok*, *Cruzeiro Semiótico*, 22/25, 1995.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a Paul Copley por seu conselho editorial a este livro.

SUMÁRIO

A vida dos signos e os signos da vida	5
A semiótica não se resume à antroposemiótica	12
Um livro de transição	14
A pesquisa semiótica de Sebeok	19
O universo semiótico de Sebeok	23
Metaciência e “Doutrina dos Signos”	26
Semiótica como a “Doutrina dos Signos”	28
De que maneira a semiótica pode ser uma ciência e uma metaciência?	29
Três aspectos da função unificante da semiótica	32
1. O aspecto descritivo-explanatório	34
2. O aspecto metodológico	36
3. O aspecto ético	37
Origem dos signos e origem da vida	39
Viver e mentir	41
Excessos semióticos além da função sógnica	44
Teoria dos sistemas de modelagem	48
A questão da origem da linguagem verbal humana	50
Dispositivo de modelagem e iconicidade: a mente como um sistema sógnico	54
Semiótica da vida e globalização	56
Uma abordagem dialógica das semióticas europeia e americana	62
Semiose além de Gaia?	65
Leitura recomendada	68